

CENTRAL ELÉTRICA DE PORTO DE MÓS: ESTRATÉGIA E OPORTUNIDADE DE UM INVESTIMENTO DE VULTO

José Manuel Brandão¹; Fernanda Maria Sousa²; Maria de Fátima Nunes³

¹Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora. josembrandao@gmail.com

²Arquivo Histórico, Câmara Municipal de Porto de Mós.

³Universidade de Évora / Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência / Rede HetSci

A construção de uma central termoelétrica para a queima das lignites da Batalha era há muito apontada como a melhor solução para o emprego destes carvões, já que o elevado teor de cinzas e o baixo poder calorífico constituíam sério óbice à sua franca aceitação no mercado. Contudo, a obra só avançou no quadro dos desígnios de investimento da *The Match and Tobacco Timber Supply*, que assumiu os destinos do Couto Mineiro de Lena em finais de 1926.

O projeto beneficiou das medidas protecionistas implementadas pelo Governo da Ditadura Militar e das expectativas criadas pelos apelos à difusão do uso da eletricidade, emergentes de alguns setores do Estado e da sociedade “civil”. Previa-se então instalar na Batalha, uma potência até 2.000 kW, com a montagem, numa primeira fase de trabalho, de dois grupos a vapor com 500 kW cada *Brown & Boveri*, alimentados por uma caldeira *Babcock & Wilcox*, futuramente aumentada, em função da procura. A Central permitiria abastecer, desde logo, os principais centros de produção da área mineira concessionada, colocando o “excesso de produção” para consumo público (iluminação e indústria) local e regional. No horizonte ficava a expansão da sua área de influência, transportando e distribuindo energia em rede própria de alta tensão (15.000 v) nos concelhos vizinhos, promitente mercado virgem e sem ameaças (evidentes) de competição.

A Central veio a ser construída em Porto de Mós onde se garantia o aprovisionamento em água; contudo, os ramais de caminho de ferro que deveriam assegurar a comunicação fácil entre esta e as minas, só foram construídos durante a II Guerra Mundial, quando a termoelétrica funcionou na máxima capacidade, fazendo-se até então o transporte do carvão em galeras e em camiões.

A entrada da Central em funcionamento regular (1933), se veio resolver o problema da utilização das lignites da Batalha criou, no entanto, com estas minas, uma forte ligação umbilical, na medida em que se viabilizavam mutuamente; sem a primeira as minas não subsistiriam e *vice-versa*, pois entretanto os melhores carvões produzidos na região eram exportados e em breve se esgotaram. Esta situação de mútua dependência, já tristemente experimentada em meados dos anos trinta, atingiu o paroxismo em 1948, quando a conjuntura legal e tecnológica e o mercado nacional da eletricidade ditaram o estrangulamento da Central, arrastando as minas para o encerramento.

Estes aspetos da vida da Central Lena espelham a investigação desenvolvida pelos autores sobre as fontes arquivísticas disponíveis e as memórias orais locais, para ensaiar a reconstituição da historiografia e a cadeia operatória desta importante peça da história industrial regional, sem perder de vista a projeção dos seus principais atores nos espaços nacional e internacional.

A pertinência deste ensaio aumenta na medida em que o edifício, embora praticamente esvaziado dos equipamentos que outrora constituíram um símbolo de modernidade dos portomosenses, aguarda um programa de requalificação, tendo em vista a instalação de equipamentos culturais municipais (museu e, arquivo histórico). Como tal, a salvaguarda da memória industrial desta singular peça do antigo Couto Mineiro do Lena deverá estar subjacente à refuncionalização projetada, permitindo recuperar e afirmar relações entre os futuros utentes e os espaços e atividades do passado.

Palavras-chave: Central termoelétrica; eletricidade; lignite; Batalha; Porto de Mós.